

GOVERNO

FHC diz que queda de juros depende do mercado externo

Presidente ressalta que equipe econômica está atenta, mas prefere não falar em prazos

IRANY TEREZA

RIO – O presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro ontem que, assim que a equipe econômica do governo perceber que o mercado internacional absorveu bem o novo colapso na bolsa da Coreia, os juros no Brasil começarão a cair. Fernando Henrique afirmou que, por ele, as taxas já teriam baixado. “Ninguém sobe os juros por prazer”, disse, depois de participar da cerimônia de formatura de guardas-marinha, na Escola Naval. “A queda dos juros não depende de nós, depende da análise do sistema financeiro internacional”, comentou.

Ao reafirmar que o governo está tomando medidas positivas para suportar o impacto da crise internacional, o presidente disse que “certamente os juros vão cair”, mas preferiu não falar em prazos. Na quinta-feira, ele havia anunciado a queda dos juros ainda para este mês. “Não quero me antecipar porque, na semana passada, por exemplo, a situação da Coreia agravou-se”, disse, dando a entender que a queda dos juros já estava sendo estudada pela equipe econômica como uma medida imediata.

“Não temos nada com essa situação (da Coreia) e acho que o mundo está percebendo que a situação econômica do Brasil é mais sólida”, afirmou. Sorriente e bem-humorado, Fernando Henrique disse estar otimista com relação a 1998. “Estamos criando condições para que 1998 seja melhor do que 1997”, disse, comentando que deve passar o ano-novo no Rio.

Desemprego – Fernando Henrique voltou a afirmar que o governo per-



FHC na Escola Naval do Rio: “Situação do Brasil é mais sólida”

manecerá afastado das negociações entre sindicatos e empresas para redução de jornada de trabalho e de salários. “Sempre houve anseio da classe trabalhadora e dos sindicatos para que não houvesse interferência do governo nessas negociações”, disse.

“Por que eu iria interferir agora?”, indagou, declarando que a participação do governo será apenas “para manter condições gerais da economia”.

O presidente recorreu a um ditado popular para dizer que não cabe ao go-

verno negociar, caso a caso, as alternativas empresariais para evitar o agravamento do desemprego. “Não vamos confundir alhos com bugalhos”, disse, citando como exemplo de interferência governamental o apelo que fez às montadoras de veí-

culos para que evitassem demissões em massa. “As montadoras já foram muito beneficiadas com programas especiais, ainda em vigência no Brasil, e agora devem entender que não podem começar a dispensar na primeira dificuldade.”

Congresso – Fernando Henrique ainda não decidiu se a melhor data para convocação extraordinária do Congresso, para votação das reformas, será dia 6 ou 12 de janeiro. Ele informou que se reunirá, provavelmente na terça-feira, com os presidentes da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), para definir o prazo de convocação.

“Sei que haverá dificuldades de mobilização se a convocação for antecipada, mas precisamos contar tempo para aprovar as reformas”, disse. Em seguida, fez elogios ao Congresso pela rapidez das últimas votações da reforma constitucional.

VOTAÇÃO DE REFORMAS DEVE SER RETOMADA EM JANEIRO